

Dr. David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 3, Metodologia Indutiva, Preciso, Informado, Autor, Sensus Plenior, Contexto

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 3, Metodologia Indutiva, Exata, Informada, Autor, Sensus Plenior, Contexto, Analítica e Sintética.

Queremos continuar aqui novamente com o número cinco, que é preciso.

Como mencionei antes da interrupção deste segmento, isso realmente se refere, ou assume realmente, que se pode falar sobre interpretação precisa versus interpretação imprecisa, o que pressupõe ainda que se pode decidir entre uma interpretação boa versus uma má interpretação, uma interpretação certa versus uma interpretação errada. . O que é então a interpretação? Na nossa opinião, e mais uma vez deixamos isto à vossa consideração, na nossa opinião a interpretação envolve apelar à intenção do autor. Quanto mais nos aproximamos do que o autor pretendia comunicar aos seus leitores originais, melhor será essa interpretação.

Essa correspondência entre a nossa interpretação e a intenção do autor em termos do que ele queria comunicar aos seus leitores originais é a base para falar de uma interpretação precisa. Agora, esta noção de apelo à intenção autoral está sob grande ataque. Muitos estão dizendo que a intenção do autor é irrelevante para o significado dos textos, que na verdade o significado de uma passagem é determinado pelo que ela significa para mim, e não pelo que significou para o autor original e similares.

Mas o facto é que a realidade fundamental do processo de leitura é o sentido de um autor, o sentido de ser abordado. Se alguém se envolve numa espécie de hermenêutica, numa espécie de pensamento sobre a interpretação que nega, ignora ou contorna a voz do autor, não se está a interpretar o texto de acordo com a própria natureza do texto. Se uma pessoa quiser fazer isso, isso depende dela, mas pelo menos essa pessoa deveria ser honesta e dizer que isso contradiz tanto a natureza da Bíblia como texto, quanto a experiência de leitura.

Como disse, é bastante óbvio que a realidade mais fundamental da experiência de leitura é o sentido de ser abordado, ou seja, o sentido de um autor. Na verdade, é a voz autoral que ouvimos quando lemos o texto. Agora, temos que ter cuidado, neste ponto, quando falamos sobre o apelo ao autor, porque temos que ir um pouco mais longe e investigar exatamente a que autor ou autor em que qualidade estamos apelando na interpretação.

A nossa alegação é que quando apelamos à intenção do autor na interpretação, estamos na verdade apelando ao autor implícito em detrimento do autor de carne e osso que realmente escreveu estas palavras. É simplesmente uma questão de ser realista porque a verdade é que o único autor que temos, o único autor a que temos acesso, é o autor que se apresenta através do que escreveu. Não temos acesso direto, digamos, a Mateus, Marcos ou Paulo.

Não temos acesso a esse autor de carne e osso. O único autor que temos é o autor implícito, o autor que se apresenta a nós através do texto e pode ser inferido do texto, que está implícito no próprio texto. Agora, você pode se perguntar: bem, qual é a recompensa em fazer essa distinção entre o autor de carne e osso e o autor implícito, ou seja, o autor que encontramos neste texto? Bem, é simplesmente uma questão de reconhecer que o autor de carne e osso é ao mesmo tempo sempre maior e menor que o autor implícito.

O autor de carne e osso é maior do que o autor implícito no sentido de que o autor de carne e osso sabe mais e acredita mais, tem uma gama mais ampla de ideias do que o autor implícito de qualquer passagem. Tomemos, por exemplo, o Evangelho de Marcos. Marcos tinha todo tipo de conhecimento, pensamento e crenças a respeito de Jesus que não foram incluídos em seu Evangelho.

A sua cristologia, a sua doutrina de Cristo era maior que a cristologia ou o retrato de Cristo, a noção de Cristo, o ensino a respeito de Cristo que temos no Evangelho de Marcos. Nesse sentido, o autor de carne e osso é maior que o autor implícito. Agora, e a propósito, você tem isso explicitamente no Evangelho de João.

Você se lembra que João termina o corpo do seu Evangelho, na verdade ele termina o corpo do seu Evangelho, sim, em João capítulo 20 versículos 30 e 31 dizendo, agora Jesus fez muitos outros sinais na presença dos discípulos que não estão escritos em este livro, mas estes foram escritos para que você possa acreditar que Jesus é um Cristo, um Filho de Deus, e acreditando que você pode ter vida em seu nome. E então, bem no final do próprio Evangelho em 21-25, mas há também muitas outras coisas que Jesus fez, se cada uma delas fosse escrita, suponho que o próprio mundo não poderia conter os livros que seriam escritos. De modo que muitos, João estava ciente de muitas outras coisas que Jesus fez, e só podemos pensar, temos que pensar que as opiniões de João em relação a Cristo eram maiores, eram mais amplas do que o que apareceu nos escritos de João nestes 21 capítulos. de seu livro.

Então, nós entendemos isso. Também entendemos, porém, que, inversamente, um autor implícito é sempre maior do que um autor de carne e osso, porque quando um autor escreve um livro e o publica, esse livro ganha, em certo sentido, vida própria, e tem um significado que o autor de carne e osso pode não ter pretendido conscientemente comunicar. Um autor sempre, especialmente isto é verdade em

escritos extensos, um autor sempre diz mais do que pretende dizer conscientemente.

O significado das passagens é maior do que a intencionalidade consciente dos autores de carne e osso. Um dos escritores contemporâneos que discutiu esse tipo de coisa é um homem chamado ED Hirsch. Ele nos pediu para imaginar uma aula, que digamos que um determinado poema tenha sido discutido, digamos, uma aula de faculdade, que estivesse discutindo um poema de um poeta contemporâneo, e eles falassem sobre o significado desse poema.

Eles dissecam-no, conversam sobre ele, envolvem-se no poema e, na aula, apresentam a sua compreensão do significado do poema. E ele diz, imagine que eles convidam o próprio poeta para entrar, e dizem para ele, enquanto estávamos estudando esse seu poema, foi isso que a gente descobriu em termos de significado. Ele disse que é perfeitamente concebível que aquele poeta possa dizer, sim, entendo o que você quer dizer e, na verdade, é isso que essa passagem significa, embora eu não tenha pretendido totalmente, não tive essa intenção conscientemente.

Isso seria bem possível. Na verdade, esse tipo de coisa acontece o tempo todo. De modo que o autor implícito daquele poema que você vê era maior do que o autor de carne e osso em termos de significado e coisas do gênero.

Agora, acho que tendo dito isso, e é claro, o que fizemos foi diferenciar entre o autor de carne e osso e o autor implícito. A verdade é que, na prática, é preciso considerar que haverá uma ligação real entre a intenção do autor de carne e osso e o autor implícito, a menos que o autor de carne e osso seja totalmente incompetente. E não há razão para acreditar que algum dos nossos escritores bíblicos fosse incompetente.

Então, se você está falando de um autor competente de carne e osso, então haverá uma continuidade real entre o que o autor pretendia dizer e o que ele diz. Mas significa que existe uma espécie de riqueza, uma espécie de robustez de significado, em passagens que vão além da intencionalidade consciente, ou pelo menos podem ir além da intencionalidade consciente dos autores. Agora, isso é importante para nossos propósitos, falando na prática, de várias maneiras.

Mencionarei apenas dois deles aqui. Primeiro, isso explica, creio eu, em grande parte, o uso que o Novo Testamento faz do Antigo Testamento e o fato de que, muitas vezes, o Novo Testamento fala sobre uma passagem do Antigo Testamento ou cita uma passagem do Antigo Testamento que se cumpre de uma forma que o original profeta ou o autor original do Antigo Testamento não poderiam ter conhecido ou não poderiam ter pensado. A expressão técnica para esse tipo de coisa é *sensus plenior*, na verdade o sentido pleno, o sentido pleno ou abundante, a maneira de falar sobre isso, o sentido pleno ou abundante de uma passagem.

Agora, para os escritores do Novo Testamento fazerem isso, deixe-me dar um exemplo desse tipo de coisa. Você tem isso, por exemplo, em Mateus capítulo 1, com licença, Mateus capítulo 2, versículo 15, onde lemos que ele se levantou, tomou de noite o menino e sua mãe e fugiu para o Egito. Esta é a fuga de Jesus, a sagrada família para o Egito, lembre-se, e permaneceu lá até a morte de Herodes.

Isto foi para se cumprir o que o Senhor havia falado pelo profeta do Egito que chamei de meu filho. Agora, essa é uma citação de Oséias 11.1, e como muitos estudiosos apontaram, é claro, é muito óbvio que se você ler essa passagem no contexto de Oséias 11.1, descobrirá que isso não é uma profecia. Na verdade, referia-se ao Êxodo, a Deus tirando Seu povo da escravidão egípcia séculos antes de Oséias escrever, mas agora Mateus diz que isso se cumpre em Jesus.

Isso quer dizer que há um sentido em que Oséias 11:1 se refere a Jesus Cristo, então Oséias estava na verdade dizendo mais do que sabia. Oséias 11:1 significa mais do que Oséias pretendia conscientemente comunicar ao seu público do século VIII aC, no norte de Israel. Quero dizer, isto é simplesmente parte da convicção que os escritores do Novo Testamento têm em relação às passagens do Antigo Testamento.

Outro ponto significativo desta diferenciação entre o autor implícito e o autor real para a nossa interpretação é que a interpretação não depende da certeza absoluta de que o significado de uma passagem foi conscientemente pretendido pelo seu autor original de carne e osso. Se esse for o limite, muitas vezes você não poderá falar com muita confiança a respeito do significado das passagens. A única coisa essencial é que você possa concluir, com base no exame sólido das evidências, que este é o significado desta passagem, que este é o significado do que o autor está dizendo nesta passagem.

Quer Marcos ou Mateus pretendessem isso conscientemente, esta é uma interpretação razoável do que eles disseram. Agora, é claro, neste ponto, especialmente os cristãos poderiam responder dizendo: bem, estamos realmente preocupados principalmente com o que o autor humano disse? Estamos principalmente preocupados com o que Deus, o autor divino, está dizendo aqui? E, claro, nós, cristãos, responderíamos: sim, estamos principalmente interessados no que a voz divina está dizendo aqui. Mas neste ponto devemos, mais uma vez, voltar ao próprio carácter do texto e reconhecer que, segundo a própria Bíblia, a palavra de Deus, Deus revela-se; A revelação de Deus é feita precisamente através de autores humanos, precisamente através de autores humanos.

Não há nenhum livro de nossas Bíblias que afirme ter sido escrito por Deus. Deus é sempre referido não na primeira pessoa, mas na segunda pessoa pelos autores dos livros bíblicos que encontramos. Esta observação óbvia e bastante familiar leva-nos a um profundo reconhecimento de que a revelação de acordo com a revelação estrutural nas Escrituras nunca é imediata.

Isto é, Deus se revela através da mediação de autores humanos. Portanto, podemos encontrar e compreender de forma mais confiável a mente divina trabalhando através da mente humana, a mente do autor humano que escreveu estas palavras. Por outras palavras, encontramos a palavra de Deus levando a sério as palavras humanas e toda a sua humanidade.

Levar plenamente em conta os autores humanos e suas intenções comunicadas por meio desses textos. Isto é estabelecido explicitamente numa das poucas passagens do Novo Testamento que falam especificamente com respeito à revelação bíblica ou à revelação de Deus na Bíblia. E isso, claro, está em 2 Pedro, no final de 2 Pedro capítulo 1, no final do primeiro capítulo de 2 Pedro, onde lemos em 2 Pedro 1, 20 e 21. Primeiro de tudo, você deve entender que nenhuma profecia das Escrituras é uma questão de interpretação pessoal, porque nenhuma profecia jamais veio por impulso do homem, mas o homem movido pelo Espírito Santo falou da parte de Deus.

Agora, observe a estrutura gramatical dessa frase. Homem, o sujeito e o predicado são os homens falados, e depois a oração subordinada movida pelo Espírito Santo. Agora, essa cláusula subordinada é muito importante.

Dizer que é uma oração subordinada não significa que tenha um significado subordinado, mas a questão é que a revelação tem a ver com o homem falando, com os seres humanos falando da parte de Deus. Portanto, embora seja possível, é claro, que Deus fale conosco diretamente a partir do nosso encontro com as Escrituras, sem qualquer consideração sobre o que o autor humano pretendia comunicar por meio dessas palavras muito humanas, a maneira mais confiável e certamente a mais típica de Deus revelar Sua Palavra para nós nas Escrituras é através de levarmos a sério o discurso do autor humano. Novamente, apele para o autor, a intenção do autor como base para determinar o que é preciso em comparação com uma interpretação imprecisa.

Agora, outra convicção é que uma abordagem indutiva deve ser informada. Ou seja, informado, antes de tudo, por conhecimentos relevantes. O primeiro tipo de conhecimento de que falamos aqui é contextual, interpretando passagens ou temas individuais à luz de sua função no livro bíblico.

E aqui, novamente, vamos abordar uma questão hermenêutica significativa, extremamente significativa. Esta é uma das coisas mais significativas que diremos, o que estou prestes a dizer agora é, na minha opinião, uma das coisas mais significativas que direi. A unidade literária básica da Bíblia é o livro bíblico.

O livro não é tanto, e a Bíblia não é tanto um livro, mas uma biblioteca de livros, como disse G. Campbell Morgan. A Bíblia não é tanto um livro, mas uma biblioteca de livros. Na verdade, este é esse livro, esse personagem do livro.

Digamos que você tenha 66 livros individuais separados, cada um com sua própria história e sua própria mensagem para comunicar. Esse caráter livresco, esse caráter de livro da Bíblia, é na verdade sugerido pelo processo canônico. Pelo processo que a igreja, bem, Israel em primeiro lugar, os judeus, mas depois a igreja cristã para o Novo Testamento se envolveu, em termos de determinar a extensão do cânon bíblico.

Quando os judeus, e um pouco mais tarde, a igreja cristã tomaram uma decisão sobre o que deveria ser considerado escritura canônica e o que não deveria ser considerado escritura canônica, a comunidade de fé em ambos os casos, judeus e cristãos, tomou essa decisão com base em livros. Não se tratava de dizer, por exemplo, que os evangelhos deveriam ser considerados canônicos, e ponto final. Não, era uma questão de tomar decisões com relação a certos livros evangélicos.

Havia certos livros, livros evangélicos que não foram incluídos e alguns outros livros evangélicos que foram. A igreja também não disse, por exemplo, bem, consideraremos partes do evangelho de Marcos. Digamos o que hoje conheceríamos como Marcos 2, Marcos 12 e Marcos 15.

Como canônico, mas consideraremos o resto de Marcos como não-canônico. Era uma questão de todo o livro ser considerado escritura canônica ou de todo o livro não ser considerado escritura canônica. A decisão de inclusão ou exclusão canônica foi baseada em livros.

Portanto, há esta escritura fundamental envolvida, tanto em termos da natureza da própria Bíblia, é manifestamente o caso que a Bíblia apresenta cada livro como sendo escrito pelo seu próprio autor no seu próprio tempo e tendo a sua própria mensagem distinta. E também, como digo, isto foi reconhecido pelas comunidades de fé, judaicas e cristãs, em termos de inclusão e exclusão canônicas. A Bíblia não é tanto um livro, mas uma biblioteca de livros.

Agora, o que isto significa é que devemos ter cuidado na interpretação, não de forma acrítica, simplesmente lendo um livro em outro livro ou colapsando a mensagem de um livro na mensagem de outro livro, mas permitindo que cada livro apresente sua própria mensagem. Para nós em seus próprios termos, em seus próprios termos, sem, como eu disse, ler acriticamente ou de maneira errada outras passagens bíblicas e outros livros bíblicos nos nossos ou no livro que estamos estudando em um determinado momento. Agora, isso realmente tem a ver com toda a questão do contexto. Quando você diz que a unidade literária básica da Bíblia é um livro bíblico, então você está realmente dizendo que o contexto não tem a ver simplesmente com

as passagens ou os versículos que precedem ou seguem imediatamente a passagem em que você está trabalhando. ou interpretação, mas tudo dentro desse livro funciona como contexto literário.

Todo o livro bíblico é o contexto literário para qualquer passagem dentro dele. Quando um escritor produz um livro, um escritor cria um mundo de texto. Chamamos isso de mundo textual, um mundo do texto.

Por outras palavras, um livro envolve, na verdade, a construção de um universo literário, por assim dizer, e isso significa que cada passagem dentro de um determinado livro se relaciona de alguma forma, direta ou indiretamente, com todas as outras passagens desse livro. Então, quando dizemos, bem, queremos interpretar este versículo no contexto, não queremos dizer simplesmente. Queremos dizer isso, é claro, em termos dos versículos que imediatamente precedem e seguem.

Tudo bem no que diz respeito ao contexto mediático, mas queremos dizer que o interpretamos à luz da sua função dentro de todo o livro. Então, é isso que queremos dizer aqui em termos de conhecimento contextual relevante. Mas também, isto sugere conhecimento estrutural relevante.

Isto é, o conhecimento contextual sugere não apenas, devo dizer, o conhecimento relevante não apenas sugere contextual, mas também estrutural. A propósito, deixe-me voltar por um momento, se me permite, a esse conhecimento contextual. Ênfase, claro, muito o livro como contexto literário.

É bem verdade, também, que existe um contexto canônico, isto é, interpretá-lo à luz de todo o cânon das Escrituras, bem como do contexto histórico, interpretá-lo no contexto de sua própria produção histórica. . Eu realmente deveria dizer um pouco mais neste ponto, mesmo antes de prosseguirmos e olharmos para o estrutural, para dizer mais neste ponto em relação ao contexto em termos não apenas do contexto do livro literário, mas também do contexto canônico, porque é, em Na verdade, a questão é que a Bíblia é composta, na medida em que dizemos que a Bíblia é composta de 66 livros individuais.

E, aliás, pode-se dizer que alguns livros são mais dinâmicos em termos. Por exemplo, você pensa no livro dos Salmos ou no Saltério, onde você tem 150 Salmos. E há um sentido em que cada um desses Salmos funciona como seu próprio livro, por assim dizer. E, no entanto, sabemos que, mais recentemente, os estudiosos envolvidos nos estudos dos Salmos estão enfatizando a unidade do Saltério, o livro dos Salmos como um todo, e como os Salmos individuais se relacionam com os Salmos.

Então, mesmo aí, é claro que, em certo sentido, temos Salmos individuais funcionando como sua própria unidade literária, quase como seu próprio livrinho. Mas também, num outro nível, eles estão organizados de uma certa maneira dentro

do livro dos Salmos para sugerir que devem ser lidos à luz da relação com outros Salmos dentro do livro, particularmente os Salmos que imediatamente precedem e seguem cada Salmo. O que estou dizendo aqui, porém, é que quando você fala sobre a Bíblia ser composta de 66 livros, é verdade que você deve estar preparado para reconhecer a importância da mensagem distinta de cada livro individual e não ler a mensagem acriticamente. de outros livros naquele livro.

Mas tendo dito isso, você deve considerar também que não se trata de a Bíblia ser composta de 66 livros que estão simplesmente isolados uns dos outros. Você tem uma montagem canônica. A Bíblia, por outras palavras, envolve um cânon dos 66 livros reunidos, e o convite encontra-se na própria forma da Bíblia para que leiamos estes livros à luz de outros livros dentro do conjunto canônico.

Então, realmente, há duas coisas que devemos ter em mente. Por um lado, estar ciente e abraçar a mensagem distinta de cada livro individual e de passagens dentro do contexto do livro, tomando cuidado para não ler acriticamente outros livros ou outras passagens bíblicas em nosso livro ou em nossa passagem. Por outro lado, reconhecer que depois de ter feito isso, depois de ter identificado o significado desta passagem no seu contexto de livro, prosseguir e explorar como esta passagem e o seu significado dentro do seu contexto de livro se relacionam com o resto do cânon bíblico.

Como o resto do cânon bíblico realmente completa ou preenche, cumpre, traz para um sentido mais amplo o significado do que está sendo falado em nossa passagem, ou mesmo como outras passagens na Bíblia podem qualificar ou matizar o que está sendo dito em nossa passagem. Portanto, não é uma proposta do tipo "ou-ou". É tanto dar atenção à mensagem distinta de passagens individuais em seu contexto de livro individual, mas também, tendo feito isso, relacionar o significado dessas passagens individuais dentro de seus livros individuais ou relacionar a mensagem de um livro inteiro com a mensagem do cânon como um todo.

Ambos, como eu disse, envolvem tanto o contexto do livro literário quanto o contexto canônico. Mas voltando à interpretação de passagens à luz do contexto do livro, prestando atenção à comunicação distintiva, à mensagem distintiva de livros individuais, incluindo, como eu disse, reconhecendo que cada passagem dentro de um livro se relaciona direta ou indiretamente com todas as outras passagens dentro de um livro. isso, devemos estar cientes da estrutura. A estrutura é extremamente importante em termos de apuração do significado.

A estrutura tem a ver com a exploração de como as passagens ou elementos dentro das passagens se relacionam com elementos no contexto circundante, no contexto literário circundante. Os livros são compostos. Os escritores juntam palavras para formar frases e reúnem frases para formar parágrafos e reúnem parágrafos para

formar segmentos e reúnem segmentos para formar seções e combinam seções para formar divisões e combinam divisões para formar o livro inteiro.

WW White colocou desta forma: as coisas se juntam. Portanto, é em termos de como os elementos individuais estão relacionados entre si que os escritores comunicam sentido. Eles comunicam significado.

O significado não é comunicado por uma palavra individual por si só. As palavras só têm significado em relação a outras palavras. As frases não têm significado isoladamente.

Uma frase só tem significado em relação a outras frases. Os parágrafos não têm significado isoladamente. Um parágrafo só tem significado em relação aos parágrafos que o rodeiam.

Segmentos em livros não têm significado em si. Seu significado é derivado de como eles se relacionam com outros segmentos. E toda a questão do relacionamento tem a ver com estrutura.

Estrutura é como as coisas estão relacionadas umas com as outras. Envolve explorar como as coisas estão relacionadas entre si, e é através da compreensão da estrutura ou de como as coisas estão relacionadas entre si que chegamos a compreender o significado dessas coisas em si mesmas. Agora, realmente não existe conteúdo puro.

Todo conteúdo chega até nós através da forma, do relacionamento, da estrutura. Às vezes uso a imagem de uma casa. Uma casa não é uma; uma casa é feita, é claro, de madeira, de telhas, de pregos e de tijolos.

Mas uma casa não é apenas uma pilha de madeira, tijolos, telhas e tudo o mais. Uma pilha dessas coisas não constitui uma casa. Ninguém iria, ninguém iria confundir uma pilha de telhas, madeira e tijolos com uma casa.

Uma casa envolve conteúdo, madeira, tijolos, telhas, pregos, todo o resto, envolve aquele conteúdo sendo organizado de uma certa maneira, sendo estruturado de uma determinada maneira. Só se você tiver um conteúdo estruturado de uma certa forma você tem uma casa. Da mesma forma, você não tem um livro bíblico feito simplesmente de conteúdo.

Um livro é feito de um conteúdo organizado de uma determinada maneira, estruturado de uma determinada maneira. E assim, para que qualquer comunicação aconteça, ela deve ter conteúdo, material, e forma, estrutura. Você não pode chegar ao conteúdo, não pode compreender o conteúdo a menos que preste atenção à estrutura.

Portanto, compreender a estrutura e o uso da interpretação da estrutura é absolutamente essencial. Além disso, envolve história, este negócio de conhecimento relevante que tem a ver com conhecimento contextual relevante, conhecimento estrutural relevante e conhecimento histórico relevante. A compreensão do contexto histórico e o uso desta interpretação de fundo, isto realmente capta, realmente desenvolve o que eu disse anteriormente em contextual em termos de contexto histórico.

A propósito, alguns estudiosos desejam distinguir ou mesmo criar uma barreira entre o estudo literário e histórico da Bíblia. Isto, penso eu, é uma falsa dicotomia. Assim que você diz literatura ou literário, você está insinuando ou presumindo história.

Porque todo livro, todo produto literário, tem uma origem histórica, um contexto histórico. E assim, não seremos capazes de levar seriamente em conta o contexto, a menos que prestemos atenção ao contexto histórico e façamos uso deste contexto na sua interpretação. Aqui estamos realmente estabelecendo as bases para o que falaremos um pouco mais tarde em termos do que exatamente fazer em termos de processo no estudo da Bíblia.

Além disso, o aspecto teológico, é claro, também é importante. Envolve reflexão e penetração teológica. Isto decorre da observação que fizemos há pouco, de que estes documentos são acima de tudo teológicos.

Agora, eles incluem outras coisas. Você tem referência, na verdade, até mesmo você tem alguma preocupação com o que hoje chamaríamos de ciências naturais na Bíblia. Você certamente se preocupa com a política dentro da Bíblia.

Todo esse tipo de coisa é tudo verdade. Mas, ainda assim, é indiscutível que todos os livros da Bíblia se preocupam principalmente em apresentar Deus e falar sobre Deus como seu propósito principal. E assim, isso envolve reflexão e penetração teológica séria.

Além disso, o conhecimento do reconhecimento de várias possibilidades interpretativas ou aplicativas, juntamente com os argumentos a favor e contra cada uma delas. É importante reconhecer essas passagens, que pode haver diferentes interpretações possíveis para as passagens, estar ciente de quais são as diferentes interpretações possíveis e ser capaz de fornecer argumentos para a nossa interpretação, a nossa compreensão do significado de uma passagem ou livro. em comparação com outras possibilidades que estão por aí. Deve também, acreditamos, ser não apenas, como dizemos, indutivo e metódico, sério e intencional, holístico e sequencial, preciso e informado, mas também analítico.

Há uma ênfase na divisão em componentes e na identificação de componentes individuais. Agora, isso é realmente muito importante quando se trata de processo.

Tem a ver com dividir, digamos, passagens individuais ou livros individuais em suas partes constitutivas e partes constituintes e observar o significado dessas partes em relação, é claro, a outras partes.

É uma questão de análise, mas não paramos aí no analítico ou na análise. Também é importante dar atenção à síntese ou ao sintético. Isso envolve uma ênfase no discernimento do relacionamento e das conexões entre as partes individuais.

Então, reconhecendo a importância das partes individuais, mas também, sintetizando o significado dessas várias partes, digamos, várias palavras de uma frase ou vários parágrafos de um segmento, reunindo o significado de todas elas em termos da síntese de o todo. Isto envolve, entre outras coisas, isso é o que significa inter alia, sempre perguntar como esta passagem ou esta verdade se relaciona e contribui para o todo da Bíblia ou para a teologia da Bíblia como um todo. Então, em outras palavras, estamos interessados no que significam as sentenças individuais, o que significam os parágrafos individuais e o que os livros individuais significam, mas também estamos interessados em como tudo isso está relacionado com o que você tem no resto da Bíblia. com vista, então, a construir uma teologia, uma teologia bíblica como um todo.

Deixe-me apenas dizer uma palavra aqui com relação à pregação. Eu acho que é apropriado, pois reflete, é claro, uma prática que remonta a muitos séculos na pregação, na verdade, ler um texto ou talvez dois textos. Eu, na pregação, gosto de ler tanto um texto do Antigo Testamento como um texto do Novo Testamento.

Mas de qualquer forma, começar lendo o texto e depois pregar sobre a passagem ou o texto que foi escolhido e realmente comunicar no meu sermão a mensagem dessa passagem, o significado específico ou a mensagem específica dessa passagem. Mas é importante na pregação, eu acho, de alguma forma, e há algumas maneiras pelas quais você pode fazer isso, mas de alguma forma para indicar que o tema ou tópico que está sendo discutido na passagem que estou pregando em qualquer sermão não é tudo o que a Bíblia tem a dizer a respeito dele. Agora, existe uma maneira direta e indireta de comunicar isso.

Pode-se comunicá-lo diretamente como se pregasse um sermão sobre uma passagem específica, na verdade apenas para lembrar à congregação que existem outros tratamentos bíblicos deste tema, deste tópico. Este é apenas um deles. Precisamos realmente, em nosso pensamento, manter todos eles em mente.

Esse é o caminho direto. Uma forma indireta, na verdade, acontece através da pregação pastoral regular ou do ensino pastoral, de modo que, à medida que você prega através de todas as Escrituras, ao longo do tempo, a congregação experimente ou encontre realmente as várias verdades de vários ângulos bíblicos, de modo que a própria congregação desenvolva uma espécie de de síntese à medida que se prega as

escrituras mês após mês e ano após ano. Aliás, esta é uma vantagem de pregadores particularmente mais jovens, talvez fazendo uso de algo como um lecionário onde você é forçado a pregar a partir de passagens de várias partes do cânon ao longo do tempo, contra uma tendência que de outra forma poderia se consolidar, e isso é apenas pregar sobre livros preferidos ou partes preferidas do cânon e não sobre a totalidade das escrituras, tornando assim realmente impossível para o seu povo obter um sentido sintético do ensino das escrituras como um todo.

Queremos fazer uma pausa aqui, e já duramos cerca de uma hora, e quando voltarmos vamos completar isso e então começar a olhar para um processo específico, um processo hipotético que apresentaremos para sua consideração .

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 3, Metodologia Indutiva, Exata, Informada, Autor, Sensus Plenior, Contexto, Analítica e Sintética.